

A CRÔNICA de Rubem Braga

MILHO VERDE

O NEGÓCIO do milho verde é verdade mesmo. Correu há tempos que num comício, em Cachoeiro de Itapemirim, o Marechal Lott havia aconselhado o povo a abandonar a lavoura de café, porque o Brasil tem superprodução de café, e a plantar... milho verde. Até o Henrique Pongetti sugeriu diversificar a produção: milho verde para fazer pamonha, milho maduro para fazer fubá...

Eu estava pensando que era brincadeira. Outro dia encontrei o Senador Atilio Vivacqua, e ele me disse que não, a coisa era verdade: um irmão dele que faz política em Castelo, lá perto de Cachoeiro, confirmara. Ainda assim podia ser malícia do senador. Agora estou chegando do Espírito Santo e lá encontrei meu primo Coelhoinho, a bem dizer, meu irmão, criado lá em casa por vovó Nominha, pai de quase uma dezena de filhos, comerciante estabelecido, homem sério e temente a Deus. Coelhoinho não mente: "Foi sim, ele disse, eu ouvi". E acrescentou que em Nanuque, em plena zona pioneira, lá nas divisas do Espírito Santo, Bahia e Minas, o marechal aconselhara o povo a plantar dez perobeiras, sempre que derrubasse uma.

Não vou citar mais casos desses, que já formam um anedotário longo. Muita gente fica pensando que o marechal não sabe falar, não sabe se exprimir. Eu acho, pelo contrário, que ele se exprime é muitíssimo bem. Nesses discursos improvisados é que ele mostra realmente o seu espírito, a sua mentalidade: a de um aplicado burocrata da espada que de súbito foi chamado a ter idéias sobre toda a sorte de problemas. Na sua profunda indigência de idéias gerais o mais que ele pode fazer é repetir vagas noções sobre problemas nacionais que aprendeu em algum almanaque da cara-de-leão de 1927 ou em frases de folhinhas antigas.

Dizem em sua defesa que ele sabe falar várias línguas. Mas, meu Deus, se em português ele diz essas coisas, que tristezas não dirá em francês, em inglês, em alemão!

Pensar que um homem desses, lançado, pelos azares da sorte e pelo oportunismo covarde dos políticos, às culminâncias de uma candidatura apoiada por dois grandes partidos nacionais, pode acabar Presidente da República — me dá frio e vergonha. Estou com Jânio, mas não creiam que uma vitória do marechal me faça perder o gosto da vida. Que venha o marechal, estarei aqui ou em qualquer outro jornal para comentar suas perobas e seu milho verde; cresci e encaneci na oposição, o marechal não me assusta.

Mas, por favor, votem em Jânio. Ou em Ademar. Ou em branco! Cinco anos de peroba não dão talvez para formar um bom moirão, mas dariam para matar de vergonha e de tédio um povo que tem sua agilidade mental e seu senso de ridículo. Vamos mandar esse marechal plantar milho (ou batata) verde e ofertar-lhe, a 3 de outubro, um par de chinelos de ouro.